

O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 3\$540 réis — Semestre, 1\$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas — Folha avulsa, 40 réis — Anuncios, 20 réis por linha — Correspondencia não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3\$000 réis — Semestre, 1\$500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 126

TERÇA-FEIRA 16 DE SETEMBRO DE 1863

SEGUNDO ANNO

AVEIRO

Os festejos e demonstrações de jubilo, que se preparam para o proximo consorcio de S. M., entretém hoje na capital quasi todos os espiritos.

Começou portanto, como é uso, um periodo intercalar na nossa vida politica; porque sempre costumam apparecer treguas involuntarias por occasião destes faustos acontecimentos, entre os homens politicos, que ordinariamente só respiram odios, e nem tem outro fito que não seja derribar os seus adversarios.

Os encomios agora são menos acrisolados, menos aceradas as verrinas; porque não ha tempo, nem alma, que sobre de erigir pavilhões, alevantar arcos, e alçar obeliscos.

Cuida cada um nos arrebuques e alfaias com que deve representar nos alegres dias que cedo ahi estão para vir, e não ha partidista exaltado, que não olhe de travez para a politica, como velha impertinente que vem intrrometer-se para aguar folias de gente louça.

Foi sempre o mundo assim. Para todas as classes eram os Cistences; para o povo eram os Cistences, e mais o pão.

Que admira pois que, em uma festa tão da nação como é a dos reaes desposorios, emebrie o prazer todos os rostos, e descaminhe do trilho prosaico e monotonico de todos os dias?

Em hora boa venha pois a nova esposa fazer a ventura domestica do moço rei portuguez, e em penhor á segurança da dynastia.

Em breve os canhões deixarão de troar, e dos pavilhões, e das torres, e dos arcos, e obeliscos, e de todas as festas e folguedos, só ficará a lembrança, e uma rainha nos paços de nossos reis.

Depois virá o fogo das paixões tão acceso, on mais, do que era d'antes. Virá o travar das lutas encarniçadas, em que cada um porfia para vingar as alturas a que lhe apontam as ambições, virão actos innocentes, ou quando muito ligeiras faltas, rebuçadas em crime de primeira cabeça; virá para o soalheiro d' imprensa a vida intima das pessoas e das familias; virão as calumnias, virão os duestos, e tudo isto ha de apparecer ao clarão do sancto fogo do amor da patria, e com o piedoso intuito de salva-la da voragem que está prestes a engolir.

Infelizmente não podemos esperar que sigam outra vereda os homens que entendem a nossa politica.

Farta experiencia temos, em mal nosso, ha muitos annos.

Porque será que a maior parte dos nossos escriptores periodicos em vez de usarem de cordura e sinceridade na apreciação dos factos, de urbanidade na avaliação dos caracteres, e de boa fé em todos os seus intuitos particulares, ou politicos, seguem diametralmente o contrario de tudo isto?

Quizeramos que, quando os governos com-

mettem erros, lhes fosse feita uma censura inflexivel e severa, sem com tudo se tranporem os limites, que a importancia dos assumptos, e os foros da imprensa, são justamente adquiridos, tem para si marcado.

Quizeramos que se lembrassem aos poderes publicos todos os meios, que a cada um se antolhassem, de melhorar phisica e moralmente esta nossa patria.

Carece o nosso exercito de reformas? Porque se não occupam os homens competentes em discutir pela imprensa o melhor alvitre de reformar?

Dizemos o mesmo das reformas administrativas, da divisão do territorio, da instrução publica, e de tantas outras que um brado geral ha muito tempo proclama necessarias.

Não se acabará de erer que as reputações e popularidades, adquiridas pela intriga, e pelos corrilhos, tem uma base falsa, e por isso em pouco tempo caem na terra? Será por ventura a missão do jornalismo vomitar injurias, deturpar os homems e as cousas, ou esclarecer os governos e os povos, quanto cabe nas forças intellectuaes de cada um, sobre o melhor modo de reger o leme do estado, de empregar os meios mais congruentes para caminhar á prosperidade nacional?

E quando ha tanta vastidão de assumptos que prendem com o rumo, que devêra levar a nádo do estado para poder chegar ao almejado porto, não pôde se quer haver desculpa leve para quem consome o tempo em questões safuras, tão amesquinhasdas no que são, como tediosas pelo alvo a que ellas miram.

Abraçam-se os pontos de controversia, não pela sua importancia sobre os destinos da nação, mas pela ansa que podem por ventura ministrar para debelar os inimigos que se têm, ou que se affigura ter na frente.

Haverá ahi por ventura objecto de maior momento para o paiz do que as obras da linha ferrea em construcção, com que tantos milhões somos obrigados a dispende?

Que amplidão de considerações, e precatadas advertencias, não ha para fazer ao governo sobre esta obra que tantos sacrificios nos está custando?

Sobre isto porém tem ficado silenciosa a imprensa, porque não ha ainda materia para hostilizar o governo.

Falso amor de patria é esse, que espera o erro que pôde trazer grandes e irreparaveis danos, só pela conveniencia de lhe servir de arma contra pessoas.

A empreza constructora do caminho de ferro empreitou a obra por quantia que absorve o subsidio do governo, e o producto das acções emitidas pela companhia concessionaria.

E' pois evidente que, quando os empreiteiros entregarem a via ferrea áquella companhia, estará ella sem fundos.

Se a exploração da via produzir para o seu

Porque é que a empresa de Garibaldi contra Napoles foi um triumpho nacional, e a sua tentativa contra Roma um attentado?

O rei da Italia engastou na sua corôa uma joia preciosissima, dilatou os seus dominios por um foamosissimo reino; assim o quiz a vontade dos napolitanos, e assim o consummou a energia, a decisão e o patriotismo acrisolado de Garibaldi.

Oh! mas o rei de Napoles podia descer do throno, porque os seus augustos irmãos viram esse de-astre real com indifferença; ao direito divino da realeza legitima podia então oppôr-se o direito da soberania popular; porém o rei de Roma, porque é pontifice e exerce o poder temporal duas vezes usurpado ao Evangelho e á vontade dos romanos, porque é o chefe de um partido que especulou com a religião, empregando-a como base do mais ferrenho despotismo; o rei de Roma não pôde ser desthronado nem pela vontade dos seus subditos, nem pelo voto unanime dos italianos. Estas argucias miseraveis, tão iniqua transacção com os falsos e subversivos principios inaugurados por Gregorio VII, são os motivos que condemnam nesta hora o heroe da Italia.

O rei Victor Emmanuel queria capitanear as tropas que deviam tomar o passo a Garibaldi, para que não invadesse o territorio romano; mas o que fez o rei cavalleiro para acudir a seu irmão de Napoles, quando Garibaldi com a gloriosa espada lhe fez em pedaços o throno? Cingiu a corôa de Napoles, e accitou os resultados do

costeio e reparos, a companhia concessionaria poderá continuar a explorar por sua conta.

Mas se ao contrario a exploração não produzir para as suas despesas, do que nós temos serias apprehensões, é consequencia inevitavel a fallencia da companhia concessionaria, e ver-se-ha o governo obrigado a tomar conta da via, e a fazer a exploração por conta do estado.

Sendô porém isto não só possível, senão de alta probabilidade, que cumprirá fazer ao governo?

Redobrar vigilancias por meio de seus fiscaes sobre o aperfeiçoamento da obra, segurança, e todas as condições de sua duração, porque cedo, se nos não enganamos, virá a tomar posse da via, e a exploral-a.

Em tão subido conceito temos nós as boas intenções do sr. D. José Salamanca, e de seus representantes n'este paiz, no que é concernente á direcção dos trabalhos, que não podemos pôr em duvida a sua boa vontade de que ella seja feita com todo o esmero, e segurança. Mas em tanta extensão, e com tanta diversidade de empregados, é muito possível que em alguns pontos se lhes baldem tão bons desejos.

Sabemos tambem de fontes insuspeitas, que a fiscalisação do governo não tem sido tão assidua e desvelada como demanda uma obra de tanta despeza e magnitude. Sabemos até que se não tem feito reparo em muitas obras de arte, em muitos lanços de atterro, onde era justo que se fizesse.

E sabemos finalmente que os fiscaes do governo desculpam o seu pouco escrupulo com os noventa e nove annos, em que a via tem de ser explorada por conta da companhia.

Se o governo sabe que isto assim se passa, e está d'accordo com as idéas de seus fiscaes, commette um erro que pode trazer á nação incalculaveis danos, porque temos a presumpção mais vehemente, em vista das rasões que expozemos, de que em poucos annos o governo se verá obrigado a tomar conta da linha ferrea, e será o paiz quem virá a pagar bem caro as negligencias d'agora.

Sobre este e muitos outros assumptos, de importancia maxima para os nossos interesses, é que nós quizeramos ver na imprensa toda a effi-cacia de seus clamores.

Professores eximios da Universidade de Coimbra foram, por intervenção do sr. governador civil de Coimbra, inspecção a mina do Braçal, e observar o influxo que as suas exhalações podiam por ventura occasionar á germinação das plantas, e á saúde dos homems.

Os illustres doutores relataram ao governo os corolarics de suas observações profundamente reflectidas, e de seus estudos analiticos.

A sciencia absolveu a mina do Braçal do onvenenamento das arvores, e das plantas, e até dos homems; imputação atrocissima, em que ella estava indiciada.

temerario mas patriotico commettimento do que hoje é réo por igual falta!

Ainda não é chegado o tempo de emancipar Roma, diz a diplomacia, essa pungente ironia da soberania popular. Ainda não é chegado o tempo?

O congresso de Vienna, que tratou os povos como se foram rebanhos, dispondo delles á vontade dos despotas, e se congresso, no qual os plenipotenciarios francezes sustentaram que os soberanos não podem ser espoliados pelo unico «direito da conveniencia, nem podem ser julgados»: o congresso de Vienna devia condemnar Garibaldi; mas como ha de condemnal-o o rei Victor Emmanuel, como hão de condemnal-o as justicias italianas? Que hão de responder ao heroe da Italia, quando elle lhes disser — «Se eu agora commetti um crime, então restitui aos duques de Parma e de Florença e ao rei de Napoles, os Estados de que os espoliastes; restitui a Romania ao rei de Roma porque eu e todos vós somos criminosos. Se eu não posso servir de centro aos romanos; se a minha espada deve abater-se em frente do throno de Roma; se sou réo porque desejo para os romanos o mesmo que desejei para os napolitanos; se as promessas de Solterino e de Magenta são uma mentira; se o direito popular não existe para os romanos; se quereis a Italia uma e livre com o despotismo theocratico na cabeça; se do alto do capitolio ainda se hão de proclamar, em vez da liberdade da Italia e da emancipação e fraternidade dos povos, o fanatismo, a hypocrisia, a vil simonia com as coi-

Agora não ha mais pleitear duvidas nem suspeitas, porque á omnipotencia dos grandes sacerdotes de minerva emmudecem todas as linguas, todos os espiritos se illuminam.

Os empregados do governo que são inspectores das minas, e tem a seu cargo a fiscalisação das condições, e preceitos porque deve ser feita a sua lavra, eram uns charlatães.

Por isso nenhuma crença podiam ter as suas informações officiaes sobre a boa direcção dos trabalhos mineiros.

Agora sim; porque trez doutores de capello approvaram esses trabalhos *nemine discrepante*.

Os nossos cathedraticos viram junto á mina uvas bem sasonadas, e parras tão virentes e frondosas, que o bom Lieu as invejaria para corôa sua.

Logo o *oidium tuckeri* não sae da mina. Parece-nos que fallaram bem os doutores.

Pois aquelles mal-aventurados serranos não teriam viandante que lhes levasse a noticia do que em muitas terras onde não ha minas tem grassado o *oidium tuckeri*?

Discreta observação é esta que, até ao momento em que fallou a sciencia, ninguém fizera.

Todo o reino animal, e vegetal, em torno á mina se ostenta com inteira pompa de suas gallas; logo diceram bem os doutores, que nem homems, nem vinhedos, nem arvores, nem milho, nem batatas, adoeciam de exhalações mineiras, mas de doença que Deus lhes dava.

Depois de tão auctorisado veredictum estarão os desvaivados de Sever, e dos concelhos adjacentes, desenganados da innocencia da mina do Braçal?

Os cathedraticos no seu rellatorio recomendam a indemnisação aos donos do Braçal dos estragos que se lhe fizeram. Parece-nos justa essa indemnisação; mas sentimos que, exorbitando assim de sua commissão, e advogando tão officiosamente os interesses da mina, se arriscassem a ver desauctorisadas, por suspeitosas, as suas opinões.

(COMMUNICADO.)

O illustre redactor do *Bem Publico*, quiz novamente fazer-me a honra de se interter com a minha humilde pessoa por causa das *negregadas cartas* que vos tenho escripto a explicar o *milagre de Anjeja*.

São cerca de trinta grammas de tinta estendida em quasi cinco columnas do seu *interessantissimo periodico* que o sr. Sousa Monteiro gasta em fazer-me um famoso processo accusatorio de impiedade, libertinagem, e não sei que mais.

S. s.ª, que blasona sempre de *versadissimo em historia*, não pôde resistir á tentação de contar-me uma, antes de chamar contra mim as imprecções dos padres de todos os tempos, que s. s.ª diz eu ter *injuriado a sangue frio*.

A historia é bonita. . . . eil-a: — «Apelles, celebre pintor, como sabe, *agradeço muito a*

sas santas; se os romanos, enfim, foram votados como victimas no altar de todas as ruins paixões politicas e religiosas; então, aqui estou réo, castigae-me, porque tenho sido um rematado louco, e sou um grande criminoso. Mas se eu desembainhei a espada para pugnar por um alto e generoso pensamento, que faz palpitar os corações de todos os italianos, e cuja realisação será o remate da mais gloriosa e memoravel empreza dos tempos modernos; se eu, agitando os povos, levantando a bandeira em redor da qual se agrupa a Italia, mostrei que a Italia e a Europa precisam, para a sua segurança, de que no capitolio tenha o seu assento o throno da Italia; se eu fui um bom cidadão querendo que a bella cidade dos Cesares, seja a capital de toda a Italia, e seja livre como Florença, Turin, Milão, Parma, Napoles e Palermo; se eu dei um desengano treinando á diplomacia, mostrando-lhe que as horas, n'estes tempos que vão correndo, se contam por annos; se, finalmente depuz a mascara da hypocrisia e bradei bem alto — *Viva Victor Emmanuel no Capitolio!* — *Viva a Italia!* — e este brado abalou a Europa — quem ousará condemnar-me? Haverá um só italiano, haverá um só homem livre por esse mundo que se atreva a pôr-me o labéo de traidor? — Não sou traidor ao rei nem á patria. Pela gloria e pela grandeza do rei e da patria estou sentado n'este banco — e julguem-me os meus co-réos, que sois vós todos.»

(J. do Commercio.)

(Continúa)

FOLHETIM

GARIBALDI

Garibaldi está ferido e preso em Spezzia. O heroe da Italia está vencido e prostrado. Aquelle que ainda hontem era aclamado por 22 milhões de italianos como o salvador da Italia, e no qual punham a sua esperanga Veneza e Roma eil-o ahi sentado no banco dos réos, como inimigo da sua patria. A corôa que o homem pôde conquistar na terra, a corôa civica, cahiu-lhe aos pés, á voz das conveniencias politicas, e da mais cruel mentira — a diplomacia. A invicta espada, que nunca lhe sahira da bainha senão para subjugar os inimigos da sua patria, partiram-lha na honrosa e patriótica mão, os falsos respeitos a interesses que não são os da Italia.

Como é que Garibaldi, ainda no anno passado, era o maior dos italianos á frente de um punhado de bravos voluntarios, desthronando o rei de Napoles, e hoje é réo do crime de lesa-mages-tade, capitaneando um punhado de valentes para desthronar o rei de Roma? O que então foi acto heroico, será hoje um crime? O rei de Roma terá melhores direitos á corôa do que tinha o rei de Napoles? Se os napolitanos aborreciam o rei que lhes havia dado a diplomacia, se elles suspiravam pela unidade da Italia, os romanos não aborrecerão egualmente o rei que lhes deram uns poucos de cardeaes, e não suspirarão tambem pela unidade da patria commum?

s. s.º o *suppor* que eu sei isto... quando acabava um quadro, expunha-o ás vistas do publico para ouvir a critica dos entendidos, e corrigir as imperfeições que elles lhe notassem. Um dia passou um sapateiro, e criticou o talho das sandalias de um dos seus quadros (*os quadros naquelles tempos tinham sandalias...? ora esta...! Como é bom a gente ser sabedor de historia como s. s.º é...! Pois não é?!?!?*) Apelles sabendo qual era o officio do auctor da correção, agradeceu-lha, e tomando o pincel seguiu á risca as indicações do sapateiro. Este (*auctor sapateiro?*) enchendo-se de vaidade, meteu-se a criticar tambem as roupagens, mas Apelles respondeu-lhe com toda a affabilidade *ne sutor ultra crepidam*.

E' uma bonita *carapueinha* que nada tem de má senão ser velha; mas como o illustre redactor do *Bem Publico* é daquelles que pertencem a tar as azas ao tempo esperangados que o fazem pairar immovel sobre o abysmo dos seculos — não lhe fica mal... Eu vou por-lha com toda a delicadeza que me for possivel para não magoar as orelhas de s. s.º... Como lhe fica bonita...! Se o illustre redactor do *Bem Publico*, tivera sido o auctor *sapateiro*, não lhe ajustava melhor certamente.

Ora diga-me s. s.º: dá licença que lhe conte tambem uma historinha...? Eu julgo tambem que s. s.º a sabe... mas em que nos havemos de entreter a não ser contar historias! ? Eila :

Quando Titien acabou o quadro da Anunciação, que ha na igreja do Salvador em Veneza, assignou o seu nome em um dos angulos do seu quadro, e pôz em seguida — *faciebat* — *fazia* em lugar de — *fecit* — *fez*; porque assim era uzança entre os pintores daquelle tempo para mostarem que os achavam imperfeitos (Vaidade, talvez modesta, e muito desculpavel em todos os poetas). Os zoilos importunos, notaram milhares de defeitos no quadro, e não sei se mesmo alguma *impiedade* ou *libertinagem* em alguma pincelada de mais ou de menos; e o piniór depois de os ter bem considerado tomou o pincel borrou com uma pincelada o — *faciebat* — e pôz no seu lugar — *fecit, fecit, fecit*.

Seja a analogia aqui permitida e com isto, em referencia ao que tenho escripto acerca do milagre da broa da mulher de Angeja, tenho respondido ao illustre redactor do *Bem Publico*, e a toda a sua critica malevola e hypocrita.

Eu escrevi uma carta aos dignos redactores do *Districto d'Aveiro*, explicando um facto — que se dizia que um padre de Angeja alcanhara de milagre. Eu não sei quem é o padre nem mesmo me importa: mas disse que alguns casos identicos ou analogos se tinham dado e que *alguns padres estupidos ou malvados* os tinham aproveitado para cevar ruins paixões, explicando-os como milagres, ou desacatos sacrilegos etc. etc. O sr. Sousa Monteiro diz que eu offendi a logica, deturpei a historia, que pisei aos pés o senso commun (este tropo é bonito) que injurei uma classe inteira a sangue frio (credo!) que eu quiz negar todos os milagres das particulas sagradas (*Santo nome de Jesus*) que sou advogado dos judeus (estavam arranjados...) que sou libertino, e supponho que bruxo porque vi o milagre de Angeja por um oculo, estando em Braga, e muitas mais coisas feias que eu não quero repetir.

Ora eu illustre redactor do *Bem Publico* sei muito bem como e porque *entra o fel na alma dos devotos* como sei as razões porque me quereis tornar odiento: mas eu tenho coragen bastante para me rir dos vossos esforços, e muita caridade para vos perdoar.

Que fiz eu? Fiz um serviço á verdade ensinando a palavra com que a sciencia decifra hoje o que á pouco ainda era para muitos um enigma e para o padre de Angeja um milagre!... Disse a verdade e estou prompto a ensinar a toda a gente praticamente a fazer milagres daquelles. Se pois ensinei os que ignoravam fiz uma obra de misericordia: se desmascarei alguns hypocritas d'esses que andam por ahí assalariados a traficar com a consciencia do povo, fiz um serviço á religião, enxotando para fóra do templo da verdade esse vendilhão de burlas — e quebrei nas mãos da hypocrisia assalariada a vara que lhe empresta a politica da Gorgana para conduzir o povo rude ao captivo da ignorancia. *Fecit, fecit, fecit*...

O sr. Sousa Monteiro que tanto se presa de sabichoso na historia nega o que eu disse «que no tempo em que foi moda perseguir os judeus, casos similhantes deram causa a tremendas carnagens» e não obstante negal-o deusa ao trabalho de ler umas quarenta e tantas perseguições e com effeito lá achou umas duas que corroboram o que eu disse em referencia aos taes milagres, mas ainda assim não quer que os padres perseguidores dos judeus fossem ignorantes, nem malvados; porque diz os defendiam e tratavam com muita caridade e amor! E que tal é esta? E foi buscar os casos que cita a historia alheia. Pois s. s.º não lido não encontra na nossa historia fastos de carnificinas de judeus motivados por aludidos milagres, nos quaes *alguns padres* se tornaram horrendamente celebres com as suas caridaes?! Isto é verdade, é a historia, — e eu em nada injurei o clero disendo isto; e até desculpei *aquelles alguns*, chamando-lhe *ignorantes ou malvados*, porque a malvados em referencia ao fanatico, tenho-a visto muitas vezes *igualada á virtude*!!!

S. s.º quer levar a questão para outro campo, e admira-se que eu tenha como mentira ridicula, «que a historia conserva a lembrança de muitos casos em que da hostia consagrada

caiam gotas de sangue». Eu não nego a historia, não senhor, nego os factos narrados, porque são ridiculas inepcias, depois que a philosophia tropejando pela bocca de homens mais sisudos, e talvez mais christãos que s. s.º, dissipou essas nuvens com que o obscurantismo dos tempos passados occultava a verdade.

Eu destingo a fé do exame, assim como a revelação do raciocínio; e sei que a sublimidade dos mysterios não se comprehende senão pela graça; e que é só ajudado por ella que eu acredito como christão nos que a igreja nos manda crer: mas por eu acreditar nestes, não dou direito ao sr. Sousa Monteiro, nem a ninguem de me impingir nenhum da sua lavra. Em que qualidade pois se apresenta s. s.º a fazer-me engulir por força a patranha de Pedro Danois «que dando n'um banquete uma facada n'uma hostia della correu sangue!» e outras de igual jaez?

S. s.º ha-de-me perdoar a limitação... tenha paciencia — mas ou é, em referencia a isto, um hypocrita ridiculo, ou um chapado charlatão em affirmal-o. Pois Deus que confunde todos os sabios do mundo com o mais pequenino grão de areia, tinha por venturo necessidade de fazer alarde da sua omnipotencia por tão extravagante modo?! E não se canse s. s.º em *elastimar os desvarios da libertinagem que recorre a navegação, para não ter de confessar o poder de Deus...* libertino é s. s.º e todos os seus confrades que rebaixam a omnipotencia de Deus até estas peloticas de arlequim.

E sou eu «que offendo a logica, esturpo a historia, e que piso aos pés o senso commun...?» E' verdade que eu não posso interpretar os desenhos da Providencia — mas a razão tenho-a, sr. Sousa Monteiro, como muito orthodoxa; como um Espirito Santo; como uma revelação permanente de Deus: e ella nem por hypothese admite o que s. s.º tem por factos concludentes — e o senso commun...? Oh! esse é essencialmente dogmatico, e chama a tudo isso — illusão, ou mentira... Pois quê! pergunta o illustre redactor do *Bem Publico*, e as testemunhas que viram os factos mentiram todas? Ollae: agora mesmo saio da igreja do Carmo — ia em meio uma missa cantada que comprovava um milagre feito a uma mulher moradora proximo de Nossa Senhora Abranca, que ha oito annos padecia de um peito; dezenas de pessoas assistiam á missa... Aqui tendes dezenas de testemunhas, que ninguem contradiz, e o facto podia passar em julgado — mas nem a mesma beneficiada o acreditou todo por inteiro; porque teve a bondade de me gratificar os cuidados clinicos que lhe prestei. — Depois o publico exaggera, o tempo altera, os apaixonados deixam-se corromper pelas paixões, e — eis tudo como é.

O illustre redactor do *Bem Publico* demora-se bastante no seu aranzel com esta milagraria, e entre outros trexos engraçados diz «que eu quiz negar todos estes milagres das particulas sem saber (*forte ignorancia é a minha*) que os padres não consagram nenhuma — que apresente a mais leve *sombra de mancha*». — Pois as manchas tambem fazem sombra?! Certamente é mais algum milagre que saltou dos bicos da penna de s. s.º. Por fim conclue o famoso libello, que me faz com estas pungentes palavras, que cheiram assim a um final de sermão de auto de fé *«não nos rimos, que podemos tambem cair no abysmo; não nos surprehende, pois quem diz que Deus deu os olhos aos homens para esclarecer a intelligencia e a razão tem licença para tudo...»* E esta! que tal? E' certamente uma grande impiedade que eu disse?!

«O soleil! qui pourrait l'accuser d'imposture?»
Go-ta s. s.º de versos? Pois este é do armo-nioso Delille, que fez a *impiedade* de traduzir *Virgilio*.

O fim principal do sr. Sousa Monteiro é concitar as iras do clero, e a ignorancia do vulgo contra mim: para isto, não se esqueceu de repetir a palavra *chylo*, que eu disse em referencia aos jesuitas, e as expressões de *ignorantes ou malvados*, que eu disse em referencia a *alguns padres*.

Eu o que disse está dito, e já o tenho explicado sobejamente: mas como s. s.º talvez julgasse offendido algum d'esses que por ahí andam sacrilegamente em nome de Deus a apagar as luzes da sciencia para accender o facho da discórdia, que fallam em amor do proximo, e que não cogitam senão odios e vinganças, veio a campo para os defeuder.

Estes falsos apóstolos tem *optimo campeão*, mas eu é que não estou resolvido a gastar mais tempo, nem a dar-lhe mais trella por similhante motivo. *Fecit, fecit*.

Braga 7 de setembro de 1862.
Santos Pacheco.

(COMMUNICADO.)
Parto difficil (ou caso de dystocia).

Quando a natureza se desvia da lei geral, e commun á humanidade, e que d'esse desvio resultam defeitos na organisação, e mesmo perda de vida, é de absoluta necessidade que a arte humana vá até onde poder remediar taes defeitos. Foi exactamente o que vimos fazer ao nosso amigo, o sr. José Nunes Oliveira, d'Ouca, cirurgião de partido desta villa de Vagos, habil cirurgião medico pela escola de Lisboa, que sendo chamado no dia 4 do corrente ao lugar da Lomba, deste concelho, para ver uma infeliz mulher, que estava ha vinte e quatro horas em trabalho, de parto, e sem esperanza de vida, observou que a criança se tinha atravessado no nascedouro, apparecendo-lhe um braço de fóra da vulva, e conservando-se neste estado algum tempo viva; porem não

tardou a succumbir, não dando tempo a que fosse salva pelos meios d'arte.

Notamos que a presença do sr. Oliveira animou a infeliz parturiente, que se achava nas maiores affeições da sua vida. E com effeito não tardou muito que esta infeliz não mudasse do leito de dor para um de allivio.

O sr. Oliveira, depois d'algum tempo de conversação, em que animou muito a parturiente, observou-a por meio do toque digital. Notou que a apresentação do feto era de tronco, e que os diametros de suas partes, em relação com as da mãe, eram enormes.

A' vista do que observou, disse que o negocio era serio, e que apezar de lhe custar muitissimo a operar só, não podia deixar de o fazer, attendendo a circumstancias que, sempre, ou quasi sempre, se dão nestes tristes sitios.

Nesta collisão o sr. Oliveira com toda a presença d'espírito com que se ha no meio das maiores difficuldades da sua profissão, notou ao familiar da casa o que havia a fazer, lembrando-lhe ao mesmo tempo os inconvenientes, que poderiam resultar da operação — mas a que era necessario expôr para salvar a mãe. Foi o que elle fez, e fello com tanta habilidade e delicadeza, que a parturiente não sentiu mais dores no acto da introdução do forcasso, e na extracção do que antes sentia.

A parturiente ficou em tão bom estado que até hoje não tem tido mais do que aquelles incommodos peculiares aos partos ordinarios.

Por tão felizes resultados damos os nossos sinceros e cordaes parabens ao sr. José Nunes Oliveira, desejando que continue a ser feliz nas operações cirurgicas, que tão bem sabe desempenhar.

Vagos.
F.

PARTE OFFICIAL

Convenção postal entre Sua Magestade El-Rei de Portugal e dos Algarves e Sua Magestade Catholica, assignada em Madrid pelos respectivos plenipotenciarios aos 8 de abril de 1862.

DOM LUIZ, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa, senhor de Guiné e da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India, etc. Faço saber aos que a presente carta de confirmação e ratificação virem, que aos 8 dias do mez de abril do corrente anno se concluiu e assignou em Madrid, entre mim e Sua Magestade Catholica, pelos respectivos plenipotenciarios, munidos dos competentes plenos poderes, uma convenção postal, composta de 23 artigos, nas duas linguas, cujo teor é o seguinte:

Sua Magestade El-Rei de Portugal e dos Algarves, e Sua Magestade a Rainha das Hespanhas, desejando estreitar as boas relações que existem entre os dois paizes, e regular por meio de uma convenção as communicações postaes entre seus respectivos dominios, nomearam para este fim seus plenipotenciarios; a saber:

Sua Magestade El-Rei de Portugal e dos Algarves, ao sr. Luiz Augusto Pinto de Soveral, do seu conselho, commendador da ordem de Nosso Senhor Jesus Christo, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, gran cruz da real ordem de Isabel a Catholica, condecorado com o Nichan Iftihar de segunda classe, seu enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto de Sua Magestade Catholica, etc., etc.

E Sua Magestade a Rainha das Hespanhas, a D. Saturnino Calderon Collantes, gran cruz da real e distincta ordem de Carlos III, gran cruz da real ordem de Isabel a Catholica, gran cruz da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa de Portugal, gran cruz da ordem imperial da Legião de Honra de França, gran cruz da ordem de Leopoldo da Belgica, gran cruz da ordem pontificia de Pio IX, gran cruz da ordem de Danebrog de Dinamarca, gran cruz da ordem de Estrella Polar da Suecia, gran cruz da ordem dos Gueffos de Hanover, senador do reino, ministro que foi do reino e do commercio, instrução e obras publicas, seu primeiro secretario do despacho d'estado, etc., etc.

Os quaes depois de haverem reciprocamente communicado os seus plenos poderes, achando-os em devida fórma convieram nos artigos seguintes:

Artigo 1.º Entre a administração dos correios de Portugal e a administração dos correios de Hespanha haverá permutação periodica e regular de cartas, amostras de fazendas, periodicos e impressos que se dirijam tanto de uma das duas nações contratantes para a outra, como de qualquer paiz ou para qualquer paiz, ao qual as mesmas nações sirvam ou possam servir de intermedio.

Art. 2.º A permutação das correspondencias, de que trata o artigo 1.º, far-se-ha em malas fechadas, que serão reciprocamente trocadas pelas seguintes estações postaes:

Por parte de Portugal	Por parte de Hespanha
1.º Elvas	1.º Badajoz.
2.º Valença do Minho.	2.º Tuy.
3.º Barca de Alva.	3.º Fregeneda.
4.º Villa Real de S. Ant.º	4.º Ayamonte.
5.º Bragança.	5.º Alcanices.

A sobredita permutação será diaria entre as trez primeiras estações postaes, e trez vezes por semana entre as duas ultimas, ficando entendido que, alem destas, poderão outras estações trocar malas entre si, quando nisso convierem as administrações dos correios das duas nações.

Artigo 3.º Alem da permutação de correspondencias que tiver logar por intermedio das estações designadas no artigo antecedente, fica ajustado que as administrações dos correios dos dois paizes poderão remetter malas de correspondencia por via das embarcações que sairem de qualquer dos portos de um dos dois estados para os do outro.

Deve por m entender-se que a obrigação de conduzir malas de correspondencia só poderá ser imposta, tanto em Portugal como em Hespanha, aos navios nacionaes.

As correspondencias remettidas por esta via serão entregues ao escaler da saude ou da alfandega que primeiro communicar com o navio conductor, a fim de que, com a brevidade possivel, as reciba a administração do correio do porto da chegada.

O capitão, patrão ou mestre do navio, assim como a tripulação e passageiros que infringirem esta disposição, ficarão sujeitos ás penas que a legislação do paiz comminar aos habitantes do mesmo.

Art. 4.º As cartas ordinarias, isto é, não registradas, procedentes de Portugal, ilhas dos Açores e Madeira para Hespanha, ilhas Baleares e Canarias, ou possessões hespanholas da costa septentrional da Africa; assim como as cartas ordinarias procedentes de Hespanha, ilhas Baleares e Canarias, ou possessões hespanholas na costa septentrional da Africa para Portugal, ilhas dos Açores e Madeira deverão ser previamente franqueadas por meio de sellos do correio affixados nos sobrescriptos das mesmas cartas.

Art. 5.º Por cada carta ordinaria que houver de ser permutada pelas estações designadas no artigo 2.º, cujo peso não exceder a sete e meio grammas, ou quatro adarmes, cobrar-se-ha antecipadamente em Portugal, ilhas dos Açores e Madeira o porte de trinta e cinco réis, e em Hespanha, ilhas Baleares e Canarias, e possessões hespanholas na costa septentrional da Africa o de seis cuartos.

Pelas que excederem o dito peso e não passarem de quinze grammas, ou oito adarmes, cobrar-se-ha antecipadamente em Portugal, ilhas dos Açores e Madeira o porte de setenta réis, e em Hespanha, ilhas Baleares e Canarias, e possessões hespanholas na costa septentrional da Africa o de doze cuartos, e assim successivamente, augmentando se trinta e cinco réis em Portugal, ou seis cuartos em Hespanha, por cada sete e meio grammas ou fracção de sete e meio grammas, quatro adarmes ou fracção de quatro adarmes, que acrescerem.

Pelas cartas ordinarias, cujo peso não exceder a quinze grammas, ou oito adarmes, remettidas directamente dos portos de um para os do outro paiz por navios mercantes nacionaes, cobrar-se-ha antecipadamente em Portugal, ilhas dos Açores e Madeira, o porte de trinta e cinco réis, e em Hespanha, ilhas Baleares e Canarias, e possessões hespanholas na costa septentrional da Africa, o de seis cuartos.

Pelas que excederem este peso, e não passarem de trinta grammas, ou uma onça, cobrar-se-ha antecipadamente em Portugal, ilhas dos Açores e Madeira, setenta réis, e em Hespanha, ilhas Baleares e Canarias, e possessões hespanholas na costa septentrional da Africa, doze cuartos; e assim successivamente, augmentando-se trinta e cinco réis em Portugal, e seis cuartos em Hespanha, por cada quinze grammas ou fracção de quinze grammas ou oito adarmes, ou fracção de oito adarmes, que acrescerem.

Art. 6.º A administração dos correios do Portugal poderá dirigir á administração dos correios de Hespanha, cartas registradas com destino para Hespanha, ilhas Baleares e Canarias, e possessões hespanholas na costa septentrional da Africa; e reciprocamente a administração dos correios de Hespanha poderá remetter á de Portugal cartas registradas com destino para Portugal, ilhas dos Açores e Madeira.

Por cada carta registrada cobrar-se-ha do remittente no acto do registro o premio fixo de cem réis em Portugal, ou de dois reales em Hespanha, e, alem d'isso o porte correspondente ao de uma carta ordinaria de igual peso.

Art. 7.º No caso de perda de uma carta registrada, a administração, em cujo territorio se tiver verificado o extravio, pagará á outra, como indemnisação, sete mil e duzentos réis, ou cento e sessenta reales de vellon.

A esta indemnisação não haverá direito, uma vez que não seja reclamada dentro do praso de seis mezes, contados da data do registro.

Fica entendido que a remessa de cartas registradas só poderá ter logar por via das estações de trocas de malas, de que trata o artigo 2.º da presente convenção, e nunca pelos navios que conduzirem malas de correspondencias dos portos de um paiz para os do outro.

Art. 8.º Os jornaes e outras publicações periodicas, os catalogos, prospectos, annuncios ou avisos, quer sejam impressos, quer sejam gravados, lithographados ou authographados, que forem remettidos de um para outro paiz por via de terra, ou por navios mercantes, deverão ser franqueados previamente até ao ponto do seu destino.

Pela franquia dos jornaes e outras publicações periodicas cobrar-se-hão em Portugal dez réis por cada quarenta e cinco grammas ou fracção de quarenta e cinco grammas, e em Hespanha dois cuartos por cada vinte e quatro adarmes ou fracção de vinte e quatro adarmes.

Pela franquia dos mais impressos acima mencionados cobrar-se-hão em Portugal vinte e cinco réis por cada quarenta e cinco grammas ou fracção de quarenta e cinco grammas, e em Hespanha quatro cuartos por cada vinte e qua-

tro adames ou fracção de vinte e quatro adames.

Art. 9.º Os periodicos e mais objectos, de que trata o artigo 8.º, deverão ser cintados de modo que se possam facilmente examinar, e não conterão papel algum estranho á sua publicação nem palavra ou signal manuscrito, salvo o nome da pessoa a quem forem dirigidos, a terra da sua residencia e a indicação da sua morada: os que não reunirem estas condições ficarão retidos nas estações postaes em que tiverem sido encontrados, até que sejam franqueados como cartas, a cujo porte em tal caso ficam sujeitos.

Os livros, folhetos e outros impressos não mencionados expressamente no artigo antecedente, assim como os desenhos, estampas e papeis de musica que não fizerem parte de alguma publicação periodica, quer sejam impressos, quer sejam lithographados ou autographados, não poderão ser transportados na mala da correspondencia, e continuarão a ficar sujeitos aos direitos da alfandega.

(Continúa.)

EXTERIOR

Dos jornaes recebidos hontem copiamos o seguinte:

Napoles 4.—O jornal «La Patria» diz que o general Cialdini publicou uma proclamação concedendo um curto praso aos garibaldinos debandados d'Aspromonte e da Sicilia para se apresentarem ás autoridades reaes.

Genova 4.—O «Movimento» publica uma carta escripta no dia 31 de agosto por um official prisioneiro com Garibaldi a bordo do «Duca di Genova». Segundo ella, Garibaldi foi ferido na coxa esquerda por uma bala, que pouco mal produziu; mas a outra ferida, que recebeu no tornozello do pé direito, é mais grave e mais profunda. Felizmente o osso não parece fracturado. Com as incisões feitas ainda se não tinha podido extrahir a bala.

Turin 4.—A «Monarchia nazionale» dá as seguintes noticias:

«Hontem houve uma segunda reunião do conselho de ministros, á qual assistiram os personagens politicos já nomeados. Depois de uma longa discussão a maioria decidiu que os culpados fossem julgados pela commissões militares especiaes.

A auctoridade militar pronunciou-se por o julgamento por um conselho de disciplina dos 32 officiaes, que deram a sua demissão na Sicilia na occasião em que a sua brigada marchava contra os rebeldes.

New-York 26.—O general confederado Morgan bateu no Tennessee 800 federaes commandados pelo governador Johnson e fez 300 prisioneiros, entre elles o proprio Johnson.

Os alistamentos tomam uma certa actividade no Norte.

O presidente Lincoln declarou querer antes de tudo a União. Disse que destruiria ou conservaria a escravatura, no todo ou em parte, se julgasse, por um d'estes meios, poder manter a União.

Deve haver amanhã em New-York um meeting a favor da guerra.

Belgrado 4.—O jornal «Vidovdan» publicou a memoria submettida pela Turquia á conferencia reunida em Constantinopla; os factos articulados nesta memoria são falsos e provocam aqui um sentimento de indignação geral.

Trieste 4.—As cartas de Athenas datadas de 30 de agosto dizem que o embaixador inglez, sir Elliot, felicitou n'uma nota o governo grego pelas suas reformas e pelo restabelecimento da ordem, declarando que a Inglaterra se opporia a qualquer acto aggressivo contra a Turquia.

Londres 5.—O «Mornin Post» diz:

«Estamos no caso de poder declarar que o imperador Napoleão reconheceu o facto de que nada pôde trazer uma reconciliação entre a Igreja e a Italia. Os despachos de Roma dizem que a energia recentemente desinvolveida pelo rei Victor Manoel em nada mudou os sentimentos do Papa para com este soberano. Pio IX não mostra reconhecimento algum á corte de Turin pela sua attitude para Garibaldi. A supressão dos perigos de revolução europeia resultante de derrota de Garibaldi tornou mais intimas as relações de Napoleão III com o rei Victor Manoel e amadureceu as resoluções do imperador. Entretanto o imperador terá de procurar o momento mais conveniente e os meios mais politicos para deixar o Papa e Victor Manoel face a face. Estamos convencidos de que o imperador está determinado a resolver a questão romana. Se a solução não estiver realisada d'aqui a algumas semanas, não ficaremos desanimados ou surpresos, mas ficaremos muito desapontados se o exercito francez ficasse em Roma um anno mais.»

Pariz 5.—Foi nomeado director da imprensa em substituição de M. Imhaus, o conde de Treillard.

Hontem sahiu de Cherbourg para o Mexico a terceira divisão. A quarta e quinta partirão no resto da semana.

O «Paiz» e a «France» dizem que os confederados derrotaram os federaes, e que lhes causaram grandes perdas.

Crê-se que a França não fará mudança alguma politica na questão romana.

Alguns jornaes dizem que Lavalette irá a Biarritz.

Tem havido varios combates parciaes entre as tropas reaes e as partidas garibaldinas, que tem sido derrotadas e dissolvidas.

Os companheiros de Garibaldi foram transportados a Fini-trella.

Genova 5.—O filho de Garibaldi continúa

bem assim como seu pai. Desmentese a morte de Missori, official do ex-dictador.

Ragusa 5.—Ante-hontem houve em Cettigne um conselho a que assistiu o consul russo de Ragusa. A Porta pede o reconhecimento da sua suzerania, o desterro de Mirko, a livre passagem para as suas tropas entre Sputz e Niksieh a-travez do Montenegro. Se estas condições forem recusadas, começarão hoje mesmo as operações contra Cettigne.

Berlin 5.—A camara dos deputados adoptou hoje quasi por unanimidade o projecto de diminuição de direitos de entrada. As medidas economicas foram votadas por 232 votos contra 26. Os clericos votaram com a minoria.

A questão militar será discutida quinta-feira proxima.

Turin 5.—Os companheiros de Garibaldi, desembarcados com elle em Spezzia, foram transportados de noite para o forte de Fenestrelle. Dos voluntarios garibaldinos, debandados depois do negocio de Aspromonte, foram uns aprehendidos e outros apresentaram-se espontaneamente ás auctoridades reaes.

A «Gazeta official» publica um boletim da saude de Garibaldi. A bala penetrou a articulação do pé. O malleolo da tibia direita está fracturado. A inflamação não apresenta actualmente symptomas a-sustadores.

Segundo a «Gazeta de Turin», o ministerio queria que o processo de Garibaldi tivesse lugar perante um tribunal militar. Esta folha acrescenta que na previsão do caso em que o tribunal se declarasse incompetente, esta questão se submeterá a uma conferencia de procuradores geraes.

Napoles 4.—Hontem de tarde, trinta detidos fugiram da prisão de Castel-Cavano. Todos foram presos.

Mesina 4.—O espirito publico é excellente. Uma columna de garibaldinos, commandada por Traselli, foi suprehendida no dia 3 á tarde, por um batalhão do 65.º de linha. Perdeu armas e bagagens, e deixou 90 prisioneiros, entre os quaes 1 major e 10 officiaes. Foram fuzilados os desertores. O resto da columna encontrou um batalhão do 48.º, que fez 80 prisioneiros; Traselli enviou parlamentarios, e deu a sua palavra de honra de que ia depor as armas e dissolver a sua columna nas quarenta e oito horas seguintes.

Genova 5.—O «Movimento» publica um relatório medico sobre a saude de Garibaldi. Até esta manhã (tres horas) o doente só tem tem sofrido dores pouco agudas. A febre é leve. O doente socegado e com appetite.

Berlin 5.—A cidade livre de Francfort deu a sua adhesão ao tratado de commercio franco-prusiano, com algumas reservas sem importancia e de pura fórma.

E' falso que a cidade de Francfort pedisse a reunião de uma conferencia para delibrar acerca das propostas austriacas.

Pariz 6.—O periodico «La France» diz: —Juarez negou-se a ratificar o tractado estipulado com Prim. No Mexico tornaram a principiar os vexames contra os hespanhoes, o que decidiu a Hespanha a unir-se á França para constituir um governo duradouro e estavel.

O «Pays» acrescenta que a Hespanha offereceu mandar um contingente; mas que a França não aceitou o offerecimento.

Belgrado 7.—O principe do Montenegro resolveu repellir as propostas da Porta na ultima conferencia.

Esta noite declarou-se um horrivel incendio no bairro serbio, que foi consumido pelas chamas. Os serbas accusam os turcos de o terem causado.

Idem.—Os turcos dispararam contra os serbas. Estes preparam-se para o combate. O incendio do bairro serba ainda continúa. Os turcos atacaram as auctoridades serbas.

Ragusa 7.—Os montenegrinos rejeitaram as condições propostas pelos turcos.

Pariz 8.—No Japão houve nova tentativa de assassinato contra a pessoa do ministro inglez.

A ferida de Garibaldi não offerece perigo algum.

NOTICIARIO

Romarias.—Tiveram logar as da Senhora das Dores em Verdemilho, Senhora do Rosario em Esgueira e Senhora da Ajuda nesta cidade.

A primeira é incontestavelmente a romaria mais concorrida que conhecemos. So fosse costume juntar-se o povo em arraial como acontece em muitas partes, seria talvez necessario um campo de 2 kilometros quadrados para caber tanta gente.

Depois do dia de Corpus Christi é esto o mais concorrido que tem Aveiro. Desde a manhã de sabbado até á tarde de domingo que se vê continuamente passar e repassar magotes de gente, muitos, entoando descanes no som da clarineta, pifano, gaita de folle e bombo, instrumentos muito em voga no seculo XV, legados de avós e netos, e guardados no possivel estado de conservação para apparecerem nos dias de grande gala. E' curioso ver tamanhas variedades de costumes, alguns muito... engraçados. Ah! que se as modistas de Pariz tivessem conhecimento de uma mina d'estas, já ha muito teriam vindo (ou pelo menos mandado) tirar-lhes os moldes para infetarem as suas elegantes. Para se fazer idéa do quanto esta romaria é concorrida, basta dizer que pelo norte quasi se despoavam os lugares de Beiros, Mortosa, Salren, Canellas, Valleirinho, Sarrasolla, Cacia, Passo, Matadussos, Esgueira e até Aveiro fornece boa quantidade das travessas tricranhas: ao nascente Angeja, Sobreiro, Albergaria a Velha, Albergaria a Nova,

Branca e Alquerubim. Os povos do sul tem igual devoção pela Senhora das Dores.

Não podemos julgar o rendimento da capella neste dia, que deve ser subido, attendendo a que poucos são osromeiros que deixão de levar offertas. Na capella ha uma especie de monte no topo do qual está um Santo Christo; mais abaixo a imagem da Senhora das Dores; avulso, diversas figuras de judeus, collocadas em burlescas posições. O monte adorna-se neste dia de ramos de louro e mais verdes e nada mais, tudo por economia....

Na da Senhora do Rozario em Esgueira houve musica na noite de sabbado, festa pomposa no domingo e fogo preso á noite, queimado á pressa por causa da chuva que veio aguar á festa com grande desapontamento dos Manés e Marias.

Na da Senhora da Ajuda d'esta cidade, tivemos no domingo de manhã missa cantada, de tarde sermão e ladainha e depois arraial.

Notamos pequena concorrência, apesar de haver o jardim publico tão perto que devia convidar ao passeio.

Atêrro da agra dos frades.—Trabalha-se com bastante actividade neste atêrro: ha perto de quatro mezes que nelle se empregam diariamente mais de quatrocentas pessoas; mas conhece-se tão pouca differença, que quem ali for pela primeira vez, dirá que não é trabalho de mas de quinze dias.

A terra é levada em cestas; e, quantas centenas de milhões são ainda precisas para completar este grande atêrro?! Os wagons pouco serviço podem fazer, em rasão a terra estar a pequena distancia.

Está concluido o aqueducto do lado do nascente, e no do poente andam-se construindo as paredes, devendo em breve receber os simples para se formar a abobada.

Desgraça.—Na quarta-feira passada ia sendo victima da sua improvidencia o fogueteiro José Baixinho:

Com o fim de seccar uma ponce de polvora, foi accender o forno, tendo dentro do mesmo uma cassarola tambem com polvora; esta, apenas lhe chega o fogo, fez explosão, atirou com o forno pelos ares, derribou uma parede contigua, e deixou a homem horrivelmente queimado.

Não se sabe se ficará cego, porque desde então não tornou a abrir os olhos.

Se as pessoas, que labutam com objectos de tanto perigo, fossem mais cautelosas, não teriamos a lamentar tão repetidas desgraças.

A futura Rainha.—Como devem ser agradaveis aos nossos leitores as informações e noticias da futura Rainha dos portuguezes, transcrevemos por isso um trecho de uma carta recentemente escripta de Turin para esta cidade, por pessoa que conhece a sympathica Princeza, e com ella fallou n'aquella corte. A missiva a que nos referimos é da illustre condessa Montemerli, que tão dedicada se tem mostrado pela liberdade de Italia e pela familia real de Saboya, e cujo voto e apreciações temos por competetissimas.

Eis a traducção literal do trecho da carta que nos confiamos:

«... Sim, vi a vossa futura Rainha, e examinei-a com attenção e interesse. Ella é com effeito uma encantadora creatura: alta, dedicada, esbelta e galante; a sua figura é ao mesmo tempo engraçada e distincta. A alvura do seu rosto não é como as frias neves do norte, é um branco rosado, que tanto realça as phisionomias do meio-dia. Cabellos magnificos, bellos olhos, nariz regular, sorriso agradável e doce. Veste-se primorosamente. E sendo tão nova, que bem pôde chamar-se uma creanga, tem toda a apparencia e garbo de uma dama completa. Dizem que é um anjo de bondade; e bem o parece. E' sem contradicta a flor da familia de Saboya. Dê-vos Deus uma feliz sorte, minha querida e joven Rainha! Ella pediu para continuar com as suas lições até o instante da partida; a estuda com preferencia a lingua portugueza. Ella tem a condescendencia de se sujeitar a que lhe tirem diferentes retratos, de todas as especies. Ella quer deixar em boa ordem todas as associações de caridade, de que era presidente ou directora. Faz tudo isto; e só em outubro completará os seus 15 annos. Acrescente-se ao que fica dito um ar de modestia e candura, que a assemelha ao lirio e á rosa; e pôde concluir-se que adorada e respeitada por todos, fará por certo a ventura do esposo, e as delicias de Portugal.»

Sevilla.—(Diz o «Jornal do Porto.») Os hespanhoes dizem na sua lingua, tão propria para exprimir a exaggeração:

«Quem no hai visto Sevilla

«No hai visto maravilla.

«A belleza desta cidade e os restos da sua grandeza, bem justificam o enthusiasmo hespanhol.

«Sevilla é grande, bem edificada, e tem monumentos de todas as idades; e quando passeamos em suas ruas, em que circulam com mil habitantes, não podemos esquecer que já teve seiscentos mil.

«Esta cidade teve o nome de «Hispalis» ou «Spalis»; tambem a chamaram «Colonia Romulea». Os arabes, que não tinham P na sua lingua, converteram Spalis em Isbilis, e desta palavra, por corrupção, fizeram Sevilla.

«Depois da cathedral, que é um dos mais bellos edificios neste genero, vê-se o convento de S. Francisco. E' dividido em trez corpos e ornado de um sumptoso portico, superior ao do Escorial. As galerias do claustro são sustidas por columnas de marmore; o jardim tem muitas fontes, mas a mais curiosa e rica, é a dos leões.

«O alcazar, ou o palacio real, passa por um

bello edificio; a maior parte da construcção é mourisca; o resto foi feito por Pedro, o Cruel.

«As duas partes juntas tem um quarto de legua de extensão, o muro exterior é guarnecido de torres construidas em grandes pedras quadradas, que foram extrahidas das ruinas de um templo de Hercules.

«A bolsa de Sevilla é monumento digno d'uma cidade rica. —Filippe II, por um decreto de 1583, auctorisou os mercadores a lançar uma contribuição sobre todas as mercadorias que entrassem em Sevilla, prometendo de empregar o producto na construcção do edificio. Levou 6 annos a concluir.

«Quando em 1248, Sevilla foi tomada, depois de um anno de cerco, pelo rei Fernando II, sahiram d'ali trezentas mil pessoas que foram buscar asylo nos campos de Granada.

«No fim do 15.º seculo, depois da queda de Granada no governo de Fernando, o Catholicus, e por um decreto de expulsão, sahiu ainda um numero igual de pessoas, que se retiraram para Africa.

«A torre d'Ar, da qual se ignora o uso, é um dos monumentos de Sevilla, que estão mais bem conservados, e a sua construcção é attribuida a Julio Cezar.

«A Giralda que passa por uma maravilha de Hespanha, é uma pyramide quadrada, tem 260 pés de altura, e na sua base tem 43 pés de largura.

«Na cathedral vê-se uma chave de prata, que foi a que os mouros entregaram a Fernando, quando Sevilla capitulou.»

Propriedades do café.—(Do «Jornal de Pharmacia de Lisboa»):

«Assegura um doutor allemão, que o café é um poderoso meio para neutralisar os grandes e perniciosos effeitos das emanações mephiticas animaes ou vegetaes, e para as destruir completamente.

Em apoio da sua opinião o auctor innumera um grande numero de factos, entre os quaes se contam os seguintes:

Um quarto, no qual se havia abandonado por muitos dias uma porção de carne, até uma decomposição bastante adiantada, foi desinfectado apenas se collocou, por alguns instantes no mesmo quarto um torrador contendo 500 grammas de café recentemente torrado e ainda fumegante.

Em outra casa em que havia uma grande quantidade de hydrogenio sulphurado e de amoniaco, todo o mau cheiro desapareceu em meio minuto, depois dese haverem empregado 90 grammas de café igualmente acabado de torrar.

Segundo o mesmo doutor, o café destroe o cheiro do almiscar, do castoreo e mesmo da assafetida. A prova de que os vapores empyreumaticos do café não operam só abafando ou disfarçando o cheiro das outras substancias, mas sim decompondo-as, está em que os primeiros vapores (do café) são completamente absorvidos, e não se percebe nenhum cheiro; e só quando a saturação é completa, reaparece então o cheiro do café. E' o inverso do que acontece com todos os outros vapores ou fumações de substancias aromaticas, e mesmo do acido acetico e chloruretos.

O processo empregado consiste em confundir em almofariz a porção do café que se quizer, e collocar o em lamina de ferro sobre brazas até o café tomar a cor escura.

Tem-se mesmo assegurado já que o oleo empyreumatico do café opera mais efficaçmente, sendo em pequenos volumes.»

Conspiração.—Segundo dizem de S. Petersburgo á «Gazeta de Silesia», descobriu-se uma conspiração contra o imperador da Russia.

Na vespóra de uma revista de diversos regimentos da guarda, que o imperador devia passar em Zarskoje Selo, recebeu o Czar uma carta anonima fazendo-lhe conhecer os pormenores de um projecto de attentado contra a sua vida.

A revista teve lugar; mas antes da chegada foram mandados sahir os officiaes das fileiras, e formados em circulo, para se lhes revistarem as algibeiras. A um d'elles, que se diz ser ajudante de campo do imperador, encontrou-se-lhe um revolver carregado.

O vampiro.—Este insecto differe do pyrilampo ordinario, em que este não dá uma luz continua: dá-a só por intervallos e um pouco avermelhada; em uma noite escura, tomam-se os vampiros por faiscas produzidas por um fogo muito vivo. Encontram-se muitos na provincia da Estramadura.

Uma telma maliciosa.—Ha dias disputavam n'uma das ruas de Madrid dois carpinteiros sobre rigidez de madeiras, sustentando um que o mogno é mais forte, e teimando o outro que o buxo é que se devia conceder esta qualidade. Tanto teimaram, que por fim uma aposta é que devia decidir a questão.

—Olha, dizia um, aquelle de nós que for capaz de, com os dentes, atravessar ou lascar um pedaço de madeira que for mais flexivel, venceu e ganhou um duro e uma ceia.

—Valen, acudiu logo o outro, e levando furioso á bocca pedaço de buxo, empregou tanta força, que quebrou dois dentes, e apenas na madeira ficaram leves signaes.

O companheiro, muito a sangue frio tira da algibeira um pequeno serrate de molas e applicando-o ao mogno dividiu-o em dois pedaços: em quanto o dos dentes partidos berrava e protestava contra aquelle meio malicioso, o espartilhão que empregou o serrate, dizia com o mesmo sangue frio:

—Tu quebraste dois dentes e não rachaste a madeira, e eu empregando os dentes artificiaes, que não são tão fortes como os naturaes, rachei o mogno e não quebrei nenhum.

Presos.—Os implicados nos disturbios do Braçal e que foram a Agueda assistir á instauração do processo, já regressaram e deram de novo entrada nas cadeias desta cidade.

Errata.—Neste numero na 2.^a pag., 3.^a col., lin. 28, onde se lê = forcesso =, deve lêr-se = forceps =.

Sempre são turcos!—O sultão do Marrocos acha na obrigação de pagar a sua divida á Hespanha um estimulante para procurar todos os meios simples e praticos de reforçar o seu thesouro.

Recentemente o chefe dos zemos da planície, Ben-Thaber, julgando prudente não ir em pessoa á residência imperial apresentar as suas homenagens e felicitações pelo livramento de Te-tuan, contentou-se, á chegada do sultão á cidade de Marrocos, de lhe enviar um rico presente, que S. M. não julgou em relação com as riquezas de quem o fazia.

Reteve por isso na côrte os portadores e mandou secretamente uns 50 homens da sua guarda com ordem de surprehender Ben-Thaber e os seus e de os conduzirem com tudo o que lhes achassem em casa.

A ordem foi executada pontualmente e as buscas deram em resultado a «razzia» de um valor de 2.500.000 francos, em ouro, prata e pedrarias.

Ben-Thaber, apenas chegou a Marrocos, morreu.

Tinha os poderes de cheik ha mais de 20 annos.

Estes exemplos não impressionam nada aquelles que, pela sua posição, tarde ou cedo os devem ver renovados nas suas pessoas.

Nenhum mouro rico procura sahir do seu paiz e pôr ao abrigo das garras imperiaes a sua pessoa e a sua fortuna.

As atrocidades que commettem sobre os que lhes estão submettidos parece que os habitua á prespectiva d'aquellas que os esperam a elles proprios.

Annel de sangue.—M. G. amava apaixonadamente uma actriz.

Todos sabem que o corpo humano contém proximo a um quinto do seu peso em sangue. Assim um homem de peso de 150 libras, tem 30 de sangue. Entre os principios mineraes que entram na composição do sangue ha uma parte de ferro. Este ferro representa 500 grammas.

M. G. fez por diferentes occasiões extrahir a quantidade total de 20 libras de sangue e um chimico seu amigo ajudou-o a metamorphoseal-o em uma gramma e 50 centigrammas de ferro. D'este ferro mandou elle fazer um annel. Uma bella manhã o pobre homem entrou em casa da sua Dulceina pallido como a morte, e com voz tremula disse á actriz:

—Aqui tens, ingrata, a maior prova que te posso dar do meu amor. É um annel do meu sangue.

—Ora que tolice, exclamou a actriz rindo desatinadamente. Era muito mais valiosa a prova se o annel fosse de ouro!

O pobre homem cahiu sem sentidos no so-brado.

No «Commercio do Porto» de 15 do corrente lê-se o seguinte:

A ULTIMA HORA.

«A' hora de entrar no prelo o nosso jornal (meio dia) consta-nos que ha noticia de ter havido pronunciamto militar, mas não se diz em que ponto. Consta-nos tambem que esta manhã se reuniram em conselho no quartel general, os commandantes dos corpos da guarnição.»

E no fim da ultima columna encontramos o seguinte

POST SCRIPTUM.

«Depois de escripto o nosso — A' ultima hora — diz-se que o pronunciamto militar fôra em Braga, constando que fôra morto o chefe de estado-maior o sr. Vasconcellos, e ferido gravemente o sr. José Maria Gomes, coronel do 6.

Parece que o pronunciamto se effectuou com vivas ao marechal Saldanha.

O telegrapho de Braga para esta cidade está cortado.»

CORREIO

LISBOA 14 DE SETEMBRO

(Do nosso correspondente.)

Partiu hoje para Genova a esquadilha que vai buscar a nossa futura rainha. Foram o sr. marquez de Loulé, duqueza da Terceira, e mais pessoas, cujos nomes noticiai em tempo.

Os ministros e muitas pessoas distinctas foram ao bota-fôra dos illustres commissarios regios. Antes de hontem houve no paço um jantar de despedida a ss. ex.^{as} o marquez de Loulé e duqueza da Terceira, a que assistiu o ministerio.

El-Rei agraciou o sr. marquez com a grão-cruz da Torre Espada, e o sr. Soares Franco, commandante da esquadilha, com o titulo de visconde de Torres. — Estas graças, assim como os decretos assignados hontem, encarregando interinamente da presidencia do conselho de ministros o sr. visconde de Sá da Bandeira, e da pasta das Obras Publicas o sr. Anselmo José Braancamp devem naturalmente ser publicados amanhã na folha official.

Fui visitar a corveta «Bartholomeu Dias» a bordo da qual deve vir a augusta esposa do senhor D. Luiz. — Todos os quartos da ré são destinados para S. A., e todos elles se acham decorados com o mais delicado gosto e a maior riqueza. Ha uma linda sala de recepção forrada de seda

côr de cereja, e guarnecida de moveis custosos, estofados de seda da mesma côr, ha um gabinete adornado com singeleza e mitta elegancia, com uma linda carteira acharoadada para S. A. escrever, e com umas delicadas cadeiras tambem acharoadadas. — O quarto de cama é de um effeito surprehendente. O leito está todo adornado com armações e colchas de seda azues e brancas, de riquissimos lavores, a casa de banho tambem é de muito gosto.

Vi o cofre de prata doirada com ornatos de prata lavrada, mas não doirada, contendo a primeira meçada da dotação da nossa futura rainha, são cinco contos de réis em mil meias corôas de ouro recentemente cunhadas na casa da moeda; esta meçada deve ser entregue á joven princeza em Turin pelo sr. marquez de Loulé.

Vi igualmente o riquissimo diadema que o senhor D. Luiz offerece a sua augusta noiva. O desenho é de muito gosto e no estylo gotico. Tem quatro mil brilhantes, e é avaliado em dezoito contos de réis. As joias que El Rei o senhor D. Fernando offerece a sua nora são de grande valor e muito delicadas. São trez—um relógio antigo com corrente, cravejados todos de brilhantes e rubins, no valor de quatro contos de réis; um ramo feito de esmeraldas, rubins e brilhantes, avaliado em cinco contos de réis, e um colar e brinco de saphiras e brilhantes, no valor aproximado de seis contos de réis.

As obras internas do palacio d'Ajuda devem estar concluidas no dia 20. O salão de musica de El-Rei está magnifico. As obras tem custado contos de réis, por motivo de serem muito grandes os salões. As paredes da sala de baile tem doze metros de altura, e vão ser forradas com 834 metros de seda portugueza; para as outras salas mandou-se vir seda do estrangeiro, porque os fabricantes nacionaes não as podem apresentar a tempo.

O leito nupcial foi mandado fazer no estrangeiro, porque os artifices do paiz exigiam um fabuloso preço por fabricarem um leito igual ao que o senhor D. Pedro V mandára fazer para o seu casamento.

Já começaram os preparativos no Rocio, as embocaduras das ruas Augusta e do Oiro teem grandes mastros para serem vistosamente adornados e embandeirados.

A celebre questão das sedas levantada entre a camara municipal de Lisboa, e os fabricantes nacionaes já foi resolvida.

El-Rei determinou que a parte interna do pavilhão seja forrada com seda portugueza, apesar de já se ter encomendado seda estrangeira, e até corre que S. M. dissera, que não entraria no pavilhão, se este não fosse forrado com fazenda nacional.

Do ministerio do reino baixou uma portaria á camara municipal de Lisboa, ordenando que mande arrancar o lagado do Rocio em frente do theatro de D. Maria II, e parte das arvores, que ali foram ultimamente plantadas, a fim d'as tropas poderem passar em continencia por defronte dos augustos esposos, os quaes depois da cerimonia no templo de S. Domingos occuparão a sumptuosa tribuna que se está construindo na fachada principal do mesmo theatro.

É um absurdo inqualificavel este. A disparatada ideia partiu do quartel general, porque o sr. conde de Santa Maria, acha que não havia ali bastante terreno para as grandes massas de cavallarja poderem manobrar á vontade.

Feita esta rapida descripção dos preparativos para a grande festa nacional, que trazem occupadas todas as atenções, paço e outros assumptos.

—A appareição do sr. duque de Saldanha continua a offerecer thema para graves discussões em varios circulos. As explicações que se dão do facto não deixam de ser aceitaveis. O nobre marechal conheceu que por mais de uma vez a sua influencia não chegava para alcançar deste ministerio algumas concessões. Ainda ultimamente, se enpenhou quanto podia, para resolver o negocio do caminho de ferro de Cintra favoravelmente para o capitalista representante dos interesses da rainha Christina, porque recebera uma carta do duque de Riansares para aquelle fim e nada conseguiu. As propostas para a construcção do caminho foram tres vezes alteradas; e o ministro das Obras Publicas não as quiz aceitar. Diz-se que o sr. duque declarara aos seus amigos que iria commandar as phalanges da opposição para derribar o ministerio; tambem se diz que s. ex.^a não fallou ao sr. marquez de Loulé quando entrou na camara. Se é certo que o illustre general dissera ha tempo que só voltaria ao parlamento quando pudesse contar com a maioria ás suas ordens, como asseveram os amigos de s. ex.^a não se pode duvidar que ha effectivamente um pacto entre as enfesadas fracções, saldanhista, regeneradora, e cabralista. O pacto porem não é para causar receios.

Quando as fracções partidarias estão politicamente desacreditadas, o pacto enfraquece-as em vez de lhes dar força, porque as desacredita ainda mais. A experiencia tem mostrado a verdade desta maxima. Haja vista ao que aconteceu á colligação miguelista, regeneradora, cabralista. O maior descredito, e enfraquecimento destas fracções proviera da colligação.

—O facto do abalramento da «Sagres» com o «Lusitania» está sendo tratada pela opposição como questão politica. Quiz a opposição que a culpa fosse da «Sagres», onde se achava o Rei, porem hontem terminou o conselho formado a bordo de officiaes da armada, ao qual respondeu o sr. capitão Contente, commandante do «Lusitania», e o conselho foi de opinião que o culpado foi este individuo, porque não cumpriu o que se acha determinado nos respectivos regulamentos

para o caso de dois navios se encontrarem em direcções oppostas.

—O jury do concurso para o logar de primeiro official do ministerio do reino apresentou ao sr. ministro a proposta graduada dos dez concorrentes, classificando em primeiro logar o sr. Ferraz de Miranda, secretario do conselho Geral de Beneficencia, em segundo logar o sr. Augusto José Gonsalves Lima, administrador do bairro do Rocio, e em terceiro logar o sr. Ricardo Cordeiro Junior, habilitado com o curso de engenharia, e antigo redactor do jornal politico, o «Futuro.» Parece que o sr. ministro está resolvido a despachar o primeiro proposto.

—No dia 28 ou 29 do corrente deve chegar a Lisboa a embaixada Japoneza, que vem na fragata franceza «Semiramis». A comitiva é composta de 38 pessoas.

Expediram-se hontem as necessarias ordens para que os embaixadores sejam recebidos com as honras de principes de sangue.

Será colocada uma guarda de honra no Arsenal da Marinha na occasião do desembarque. Os embaixadores serão conduzidos em um coche da casa real, para o Hotel de Bragança onde se estão preparando com toda a pompa os aposentos que lhes são destinados. Serão postos uma carroagem da casa real, e dois camarotes em cada um dos theatros de S. Carlos e D. Maria 2.^a á disposição dos embaixadores para seu uso durante a sua estada nesta côrte. A entrada do Hotel de Bragança levanta-se um arco triumphal.

—No paquete francez da carreira do Brazil que deve chegar de Bordeaux no dia 29 do corrente hão de vir Sua Alteza a princeza D. Antonia, e seu esposo o principe Jorge de Saxonia, para assistirem aos festejos do regio consorcio.

—Hontem chegaram no vapor «Magdalena» os srs. duque de Palmella, marquezes de Vallença e do Fayal, e o irmão do sr. marquez de Sousa e Holcstein.

—A sociedade portugueza do Rio de Janeiro intitulada — *Desesais de setembro* — remetteu ao ministerio do reino a quantia de oitocentos e tantos mil réis pra ser distribuida pelos asylos da infancia de Portugal.

O sr. barão de Almeirim, como presidente da commissão que em setembro abriu uma subscripção para o mesmo fim remetteu áquelle ministerio duas inscripções da Junta de Credito Publico do valor nominal de um conto de réis, e dois mil e duzentos réis em metal. Em nome d'El-Rei foram elogiados os patrioticos sentimentos dos cavalheiros daquelle sociedade do Rio de Janeiro, e desta commissão, e bem assim de todos os individuos que contribuíram com o seu obulo para melhorar a sorte das infelizes creancinhas.

—Esquecia-me dizer-lhe que o sr. marquez de Loulé recebeu a quantia de 15.000\$000 réis para as suas despesas durante a commissão de que vai desempenhar-se, e a sr.^a duqueza da Terceira 450\$000 réis.

—O sr. Vedra, escriptor hespanhol, que reside ha muito tempo em Lisboa está imprimindo uma corôa poetica para ser offerecida á Princeza de Saboya. É um livro luxuosamente impresso contendo prosa e verso dos nossos principaes escriptores com allusão ao real enlance.

—Falleceu o sr. Antonio Rodrigues Formigal, antigo negociante da praça de Lisboa, socio da acreditada casa commercial da Viuva Tarujo e Filhos.

—O sr. director da alfandega grande de Lisboa conseguiu descobrir um engenhoso systema de contrabando, pelo qual se introduziam nos Açores alcool estrangeiro, pagando-se os direitos como se fossem nacionaes, isto com grave prejuizo dos negociantes que faziam legalmente as suas remessas pagando os direitos respectivos ao alcool estrangeiro.

Os especuladores, quando despachavam generos estrangeiros que na ilha deviam pagar avultados direitos, despachavam ao mesmo tempo outros que diziam ser nacionaes, e com as mesmas marcas e porções iguaes. Depois os generos nacionaes não os embarcavam, prompto o despacho, e quando os generos estrangeiros reexportados, eram recebidos a bordo dos navios, sumiam a guia de reexportação, substituindo-a pelo documento do despacho nacional. Os generos que deviam embarcar com este documento não embarcavam; e como para estes, por não deverem pagar direitos a fiscalisação é muito diversa e muito suave, o logro realisava-se com toda a facilidade. A bordo do vapor «Açoriano» que estava carregando para as ilhas foram aprehendidas doze pipas d'agoardente estrangeira que lá iam como se fossem de agoardente portugueza.

—O sr. Carlos Testa, commandante interino do novo vapor de guerra «Sá da Bandeira» que foi a Londres para metter as caldeiras, dirigiu ao sr. ministro da marinha um magnifico relatório da primeira viagem de experiencia. Vê-se desse relatório que é excellente o estado do navio com respeito á sua marcha, apparelho e mais condições indispensaveis para a manobra. A viagem fez-se perfectamente não havendo sacudaduras da mastreação como acontece ordinariamente em os navios novos, segundo o declara aquelle distincto official.

—Hontem no paço d'Ajuda commetteu-se um crime. Um trabalhador foi comer uma melancia para o pé da sentinella do pateo principal. O soldado advertiu-lhe que não enchesse aquelle logar de cascas, o trabalhador não fez caso da advertencia, o soldado deu-lhe com a espingarda, e o trabalhador esfaqueou-o com a faca com que estava cortando a melancia.

MOVIMENTO DA BARRA

Aveiro 12 de setembro

Entradas

PORTO—Hiate port. «Cruz 3.^a» m. A. S. Amaro, 8 pes. de trip., vazio.
IDEM—Rasca port. «Conceição d'Aveiro», m. F. de Matos, 9 pes. de trip., vazio.
IDEM—Rasca port. «Carolina», m. J. A. de Pinha, 13 pes. de trip., vazio.
IDEM—Rasca port. «Senhora do Pilar», m. S. da S. Marques, 8 pes. de trip., lastro.

Em 13

PORTO—Rasca port. «Victoria», m. L. da Silva, 11 pes. de trip., lastro.
IDEM—Hiate port. «Santa Cruz», m. A. d'A. Laborinho, 7 pes. de trip., lastro.

Sahidas

VILLA DO CONDE—Hiate port. «Commerciante», m. A. S. Leite, 7 pes. de trip., sal.
PORTO—Hiate port. «Feux», m. J. Nunes, 8 pes. de trip., sal.
IDEM—Hiate port. Lialdade, m. M. A. Lebre, 9 pes. de trip., sal.
VILLA DO CONDE—Hiate port. «S. João Baptista», 6 pes. de trip., sal.
PORTO—Hiate port. «Nova União», m. M. dos S. Chuva, 7 de trip., sal.
ALICANTE—Hiate port. «Flor d'Ovar», m. J. da C. Biaia, 9 pes. de trip., madeira.
PORTO—Rasca port. «Conceição Estrela», m. J. da S. Marçal, 9 pes. de trip., sal.
IDEM—Rasca port. «Correio d'Aveiro», m. J. Simões, 9 pes. de trip., sal.
IDEM—Bateira port. «Olho Vivo», m. D. d'Angelica, 5 pes. de trip., sal.

Em 14

LISBOA—Bateira port. «Adelaide» m. J. P. dos Santos, 6 pes. de trip., madeira.
PORTO—Cahique port. «Perola do Vouga», m. M. Vicente, 5 pes. de trip., sal.
IDEM—Hiate port. «Razoilo 1.^a», m. J. Razoilo, 8 pes. de trip., sal.

ANUNCIOS

João Antonio Vianna, faz publico, que se acha aberto o seu estabelecimento de fabrica de sabão de boa qualidade, a preços de 60 e 90 rs. por arratel, em casa do sr. Manuel Lopes Baptista, na Rua Direita, desta cidade de Aveiro.

Carta d'editos pelo tempo de 60 dias, a intimar todas e quaesquer pessoas, que se julguem com direito a ser herdeiros do fallecido Antonio da Silva Paiva, morador que foi nesta cidade de Aveiro.

O bacharel Manuel José Marques da Silva Tavares, administrador do concelho de Aveiro etc.

Faço saber, que por accordão do tribunal de contas, proferido no processo da conta de responsabilidade do fallecido Antonio da Silva Paiva, como recebedor do concelho desta cidade, foi o mesmo julgado quite para com a Fazenda Publica, com relação ao tempo da sua gerencia desde o 1.^o de julho de 1850, até 26 de abril de 1858; e devendo o mesmo accordão ser intimado a seus herdeiros e representantes, afim de poderem allegar o que lhes convier a bem de sua justiça, nos termos dos artigos 140 e 152 do regimento do mesmo tribunal, de 6 de setembro de 1860; por isso chamo e intimo pela presente carta d'editos, e hei por chamadas e intimadas todas e quaesquer pessoas que se julgarem com direito a ser herdeiros do dito fallecido Antonio da Silva Paiva, para que no praso de sessenta dias, a contar da data de hoje, possam allegar, querendo, perante aquelle tribunal o que lhes convier ácerca do referido no dito accordão, com pena de revellia, e para o fim de se haver definitivamente saldada a mencionada gerencia

E para constar mandei passar e affixar o presente, e outros d'igual theor nos logares publicos e do costume.

Administração do concelho d'Aveiro 3 de setembro de 1862. — E eu José Ferreira Corrêa de Souza, escriptão que a subscrevi.

Manuel José Marques da Silva Tavares.

QUADROS D'ALMA

OU

A MULHER ATRAVEZ DOS SECULOS

POR

Porphyrio José Perelra

Um volume em 8.^o grande, br. com o retrato do auctor. — Aha-se á venda em Lisboa, na typographia Universal, rua dos Calafates n.^o 110, e nas lojas do costume. — Preço 800 rs.

RESPONSAVEL:—M. C. da Silveira Pimentel

Typ. do Districto de Aveiro.